

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC PEDRO SÉRGIO DE OLIVEIRA BATISTA

APLICABILIDADE DOS CONCEITOS PROPÓSITO POLÍTICO, TRINDADE DE  
CLAUSEWITZ E RACIONALIDADE DA GUERRA DE CLAUSEWITZ NA GUERRA  
DOS SEIS DIAS (1967)

Rio de Janeiro

2009

CC PEDRO SERGIO DE OLIVEIRA BATISTA

APLICABILIDADE DOS CONCEITOS PROPÓSITO POLÍTICO, TRINDADE DE  
CLAUSEWITZ E RACIONALIDADE DA GUERRA DE CLAUSEWITZ NA GUERRA  
DOS SEIS DIAS (1967)

Monografia apresentada à Escola de Guerra  
Naval, como requisito parcial para a conclusão do  
Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF Sérgio Vieira Reale

Rio de Janeiro  
Escola de Guerra Naval  
2009

## RESUMO

No início do século XX, o anti-semitismo, alavancado pelo holocausto; a declaração de Balfourt (1917); e em 1947, a resolução 181 da ONU deu origem ao Estado de Israel, na região da Palestina. A formação do Estado de Israel foi de encontro aos sentimentos dos árabes e a favor dos judeus na denominada Questão Palestina; uma disputa pela região, respaldada na legitimidade histórica e divina dos dois povos. O descontentamento dos Estados árabes por esta imposição e a presença dos judeus na região deu origem a uma série de conflitos armados, desde 1936, até os dias atuais, que juntos, alguns autores como Bobbit, denominaram como uma guerra momentosa. Um desses conflitos foi a Guerra dos Seis Dias, de cinco a dez de junho de 1967, em que o Estado de Israel enfrentou e derrotou os Estados árabes e que, analisada, a luz dos conceitos de Clausewitz (1780-1831), para uma melhor compreensão desta Guerra, ratifica a aplicabilidade dos conceitos propósito político, trindade de Clausewitz e racionalidade da guerra por parte do Estado de Israel e, em menor proporção, por parte dos Estados árabes, liderados pelo Estado egípcio.

**Palavras-chave:** Clausewitz. Propósito político. Trindade de Clausewitz. Racionalidade da guerra. Questão Palestina. Guerra dos Seis Dias (1967).

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>4</b>
<b>2</b>	<b>DA FORMAÇÃO DO ESTADO DE ISRAEL A GUERRA DOS SEIS DIAS.....</b>	<b>6</b>
<b>3</b>	<b>ANÁLISE DA GUERRA DOS SEIS DIAS À LUZ DOS CONCEITOS DE CLAUSEWITZ.....</b>	<b>9</b>
<b>3.1</b>	Propósito político da guerra.....	9
<b>3.2</b>	Trindade de Clausewitz.....	14
<b>3.2.1</b>	Povo.....	14
<b>3.2.2</b>	Governo.....	15
<b>3.2.3</b>	Forças armadas.....	16
<b>3.3</b>	A racionalidade da guerra.....	19
<b>4</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>22</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>24</b>

# 1 INTRODUÇÃO

Há mais de quarenta anos ocorreu no Oriente Médio um conflito armado denominado Guerra dos Seis dias (1967)<sup>1</sup> que ainda desperta curiosidades e indagações. Uma dessas indagações se refere à existência da aplicabilidade dos conceitos de Clausewitz<sup>2</sup> nesta guerra.

A Guerra dos Seis dias foi um conflito armado entre o Estado de Israel e os Estados árabes, cuja duração e o resultado das ações, impressionaram e, impuseram uma nova realidade geopolítica aos interessados, à época, na região da Palestina. Suas consequências, até os dias atuais, estão presentes nos dois povos: árabes e judeus.

Em sua obra *Da Guerra*, publicada há mais de cento e setenta anos, Clausewitz pretendeu revelar a verdadeira natureza da guerra, a sua essência: o que é a guerra. De forma a ter uma compreensão, melhor empreendê-la ou evitá-la, ele formulou conceitos, hoje conhecidos como os conceitos de Clausewitz (CLAUSEWITZ,1979).

Os propósito político, trindade de Clausewitz e racionalidade da guerra são alguns dos conceitos filosóficos de Clausewitz que estão contidos na sua obra *Da Guerra*. Por meio de todos os seus conceitos, incluindo os três citados acima, Clausewitz deixou um legado para interpretação e observância da finalidade política a utilização do fenômeno social Guerra, onde, segundo ele, estará presente, na guerra convencional, a combinação dos aspectos militares e políticos em sua condução (CLAUSEWITZ,1979).

O propósito desta monografia é analisar a Guerra dos Seis Dias, abordando-a sob o ponto de vista do Estado de Israel e dos Estados árabes, sob a égide do Egito, a luz dos conceitos de Clausewitz propósito político, trindade de Clausewitz e racionalidade da guerra, constatando ou não suas aplicabilidades.

Para alcançar este propósito, no capítulo dois será feita uma breve análise do contexto histórico que antecedeu a Guerra dos Seis Dias, desde a formação do Estado de Israel, a fim de entendermos tanto as aspirações que levaram a esta guerra, como o período de guerras (1936-1967), onde ela está contida, denominado de guerra momentosa<sup>3</sup>. No capítulo três serão efetuadas análises da Guerra dos Seis Dias, relacionando-as aos conceitos propósito político, trindade de Clausewitz (Seus elementos: povo, governo e forças armadas) e

---

<sup>1</sup> Guerra dos Seis dias - Conflito armado que ocorreu no período de cinco a dez de junho de 1967.

<sup>2</sup> Carl von Clausewitz - Nasceu em primeiro de junho de 1780, ao sul de Berlim, na Prússia, em uma pequena cidade chamada Burg. Vítima de cólera morreu de ataque cardíaco em novembro de 1831 (LIBERATTI, 1994). Entrou para o serviço militar em 1792, com a idade de dez anos. Aos 13 anos foi para a guerra contra a França (CLAUSEWITZ, 1979).

<sup>3</sup> Guerra momentosa – Segundo Bobbit, a guerra momentosa foi explicada como um “único evento histórico porque, apesar de períodos com frequência longos sem ocorrência de conflitos armados, as várias campanhas da guerra nunca chegam a solucionar de modo decisivo os problemas, que tomam a manifestar-se sob a forma de embates armados” ( Bobbitt, 1904, p.19)

racionalidade da guerra, a fim de constatar ou não a aplicabilidade destes conceitos durante esta guerra. No capítulo quatro será apresentada a conclusão.

A relevância desta monografia reside em compreender, por meio dos conceitos de Clausewitz, citados no propósito desta monografia, a Guerra dos Seis Dias, ratificando ou não a aplicabilidade dos mesmos pelos Estados beligerantes.

A análise a que se propôs esta monografia, foi efetuada por meio de pesquisa bibliográfica, documental, utilizando técnica indireta e leitura analítica dos pressupostos teóricos de Clausewitz, na sua obra Da Guerra e de seus estudiosos, bem como dos trabalhos que abordaram a Guerra dos Seis Dias, cujos autores e suas obras estão citados na referência.

## 2 DA FORMAÇÃO DO ESTADO DE ISRAEL A GUERRA DOS SEIS DIAS.

Os *yishuv*<sup>4</sup> que resistiram ao Império Otomano (1299-1922) e à Primeira Guerra Mundial (1914-1918), apoiados pelo Império Britânico, reconhecido, à época, pela Declaração de Balfour<sup>5</sup>, contribuíram para a emigração de judeus para a Palestina (Eretz Yisrael), região de onde os judeus, consideravam que, por legitimidade histórica e divina, nunca deveriam ter saído (OREN, 2004). Os judeus estavam emigrando para terras que, supostamente já tinham donos, os árabes palestinos, sem prévia concordância desses últimos.

Possuidores dos mesmos sentimentos de legitimidade perante a região e, por já se encontrarem fixados à terra e em maior número, os árabes palestinos, em 1936, deram início a uma revolta contra o imperialismo ocidental, capitaneados pelos judeus e britânicos, que durou até 1939, passando de uma luta entre árabes palestinos e judeus palestinos para uma luta entre árabes e sionistas<sup>6</sup> (SCALERCIO, 2003). Este conflito passou de local, Palestina, para regional, Oriente Médio, envolvendo árabes como um todo e israelenses sionistas.

A ideia da formação do Estado judaico almejava um Estado alinhado com as instituições consolidadas pelas revoluções inglesa, americana e francesa; o sistema político representativo; a alternância de poder; o princípio de separação de poderes e a proteção aos direitos e garantias individuais, para destacar os mais importantes (SCALERCIO, 2003). A inserção de um Estado com uma cultura ocidental, caracterizada acima, no seio do Oriente Médio, para os governantes da região, era uma ameaça política e, para a população religiosa do Islã, uma afronta à dominação da terra santa.

O Império Britânico, enfraquecido com a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), não tinha condições de manter a Questão Palestina<sup>7</sup>. Desta forma, o Império Britânico, passou as atribuições para a Organização das Nações Unidas (ONU) que, em 29 de novembro de 1947, aprovou a Resolução 181 da Assembléia Geral, criando dois Estados, um árabe e outro judeu na Palestina e um regime internacional para Jerusalém.

Um dia após a Resolução 181, os árabes palestinos invadiram os assentamentos judeus, gerando retaliações (SCALERCIO, 2003).

Esses atentados e retaliações perduraram e, em 14 de Maio de 1948, quando encerrou o mandato britânico, o Estado de Israel foi declarado. “No dia 15, os exércitos

---

<sup>4</sup> Yishuv - nome dado aos primeiros assentamentos de Judeus na Palestina, antes da formação do Estado de Israel (SCALERCIO, 2003).

<sup>5</sup> Declaração de Balfour - “Em 1917 o banqueiro judeu Rothschild obteve de Arthur Balfour, ministro das relações exteriores de Sua Magestade, um declaração prometendo apoio britânico à criação de um Estado Judaico na Palestina” (SCALERCIO, 2003, p.31).

<sup>6</sup> Movimento Sionista - Movimento que defendia a necessidade de estabelecer um Estado judaico na Palestina. O sionismo foi uma denominação cunhada em Viena em 1885 por Nathan Birnbaum (SCALERCIO, 2003)

<sup>7</sup> Questão Palestina - Interesses do Estado de Israel e palestinos pela mesma região do Oriente Médio: Palestina. (OREN, 2004).

árabes coligados entram na Palestina para guerrear” (SCALERCIO, 2003, p.62). Apesar da superioridade numérica dos árabes, por falta de plano de combate estruturado, unidade de comando e coordenação, os israelenses puderam utilizar a estratégia de enfrentar um inimigo de cada vez, concentrando forças em cada um deles. Melhor preparado, os israelenses conquistaram 30% a mais de território do que o estipulado pela Resolução 181, não avançando sobre a Faixa de Gaza e a Cisjordânia, que era o que desejava uma grande parte da população. Devido ao interesse nacional, houve a subordinação do desejo do povo a razão do governo, impedindo uma possível interferência da Grã-Bretanha, que na época protegia o Egito e a Jordânia.

Israel, em 1956, sentindo-se ameaçado com o crescimento do poderio bélico do Egito, apoiado pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), alia-se à França e à Grã-Bretanha e, por meio do “Protocolo de Sèvres”<sup>8</sup> decidem o rumo da guerra, conhecida em Israel por Campanha do Sinai. A Grã-Bretanha queria de volta o controle do Canal de Suez e a França, a Argélia. A guerra inicia-se em 29 de outubro de 1956. Vitória da aliança Grã-Bretanha, França e Egito. Sem o conhecimento e o consentimento das duas grandes potências da Guerra Fria (1945-1991), Estados Unidos da América (EUA) e URSS, os franceses e ingleses foram obrigados a ceder as conquistas, permanecendo Israel no Sinai e na Faixa de Gaza, bem como com Eliat, a cidade portuária no Golfo de Acaba (SHLAIM, 2004). Esses acontecimentos exaltaram o poder das grandes potências, EUA e URSS, nas relações internacionais do Oriente Médio, determinando o futuro das fronteiras.

Conquistado os seus objetivos, que eram diminuir o poder bélico e a popularidade do Presidente do Egito Gamal Abdel Nasser (1918-1970), bem como cessar o bloqueio à navegação no Estreito de Tiran, Israel cede a Faixa de Gaza e o Sinai, devido às pressões das grandes potências, permanecendo as condições de navegação no estreito de Tiran e de uma força multinacional nas fronteiras, a Forças de Emergência das Nações Unidas (UNEF) (SHLAIM, 2004). Politicamente, Nasser sai vencedor: afastara o imperialismo sem ajuda de ninguém, bem como, Israel necessitou de ajuda para declarar guerra ao Egito.

No ambiente de rivalidades entre os árabes e retaliações entre estes e os israelenses, em 1958, Egito e Síria unem-se no pacto da República Árabe Unida (RAU). A Operação Retama<sup>9</sup>, em 1960, alerta os israelenses de suas fragilidades, quando Nasser em apoio à Síria, manda sua 4ª Divisão de Blindados para o sul de Israel. Após a dissuasão,

---

<sup>8</sup> Assinado na cidade francesa de mesmo nome em 1956. Continha sete artigos que tratavam da invasão da península do Sinai e do Egito por Israel, Inglaterra e França para conquista do Canal de Suez e do sigilo secreto do acordo (SCALERCIO, 2003, p.133 e134).

<sup>9</sup> Operação Retama – O Egito mobiliza suas tropas na fronteira sul de Israel, durante pequena rivalidade entre a Síria e Israel, nas zonas desmilitarizadas (ZD), por estarem sendo cultivadas pelos israelenses, após os soviéticos terem informado a Nasser que Israel pretendia invadir a Síria (OREN, 2004).



retira-se sem interação (OREN, 2004). Com essa manobra dissuasória, Nasser se fortalece ainda mais diante dos países árabes.

Para os Estados árabes, a guerra deveria ocorrer imediatamente. Para Nasser, ela deveria ser retardada até o Egito estar preparado. A Jordânia, do rei Hussein, como Nasser, evitava ataques da *Al-Fatah*<sup>10</sup> a partir de seus territórios, temendo retaliações de Israel, antecipando a guerra e a consequente conquista da Cisjordânia (OREN, 2004). No período do armistício, compreendido da Campanha do Sinai (1956) até a Guerra dos Seis Dias (1967), interesses individuais dos Estados árabes tumultuavam a união árabe, o chamado pan-arabismo<sup>11</sup>, contra o objetivo comum: Israel.

Os povos árabes, convivendo com as retaliações entre a Síria e Israel, consequências da transposição do rio Jordão; com a situação dos refugiados palestinos e, com o cultivo das zonas desmilitarizadas, contexto este, incrementado pelo ataque a Samu<sup>12</sup> e pelo embate aéreo de sete de abril de 1967, exigiam de Nasser o início das ações contra Israel. Nasser, fragilizado politicamente e militarmente e, pressionado pelos Estados árabes a dar início às ações contra Israel, ao ser alertado pela URSS, quanto à concentração do exército israelense na fronteira com a Síria, não teve outra opção, se não, liderar esta contenda (OREN, 2004).

Em que pese a dificuldade econômica do Egito, impulsionada pelas ações bélicas no Iêmen desde 1962 (refletida na elevada inflação, baixa expectativa de vida, despreparo logístico das suas forças armadas), o orgulho do ditador Nasser em manter a hegemonia do seu Estado perante os Estados árabes, levou o Egito à militarização do Sinai, à retirada da UNEF e, a um passo maior, o bloqueio do estreito de Tiran, em 27 de maio de 1967, que era para os Israelenses, de acordo com o armistício de 1957, considerado como um ato de guerra.

Após a leitura deste capítulo, concluí-se que a Guerra dos Seis Dias (1967) fez parte de um período de guerra momentosa, originada na formação do Estado de Israel, tendo como estopim o fechamento do estreito de Tiran e como motivos principais o fortalecimento bélico do Egito e a Questão Palestina, ainda não solucionada.

---

<sup>10</sup> Fatah - organização política e militar, fundada em 1964 pelo engenheiro Yasser Arafat (OREN, 2004).

<sup>11</sup> Pan-arabismo - União dos Estados árabes contra o antissionismo (OREN, 2004).

<sup>12</sup> Samu - Cidade localizada no Estado Jordânico (OREN, 2004).

### 3 ANÁLISE DA GUERRA DOS SEIS DIAS À LUZ DOS CONCEITOS DE CLAUSEWITZ

Esse capítulo será dividido, para melhor compreensão e análise, em três partes:

#### 3.1 Propósito político da guerra.

Segundo Clausewitz, a essência da guerra é o duelo. “A guerra nada mais é que um duelo a uma mais vasta escala” (CLAUSEWITZ, 1979, p. 73). Neste sentido, em sua obra, ele faz um paralelo entre dois lutadores, em que por meio da “força física”, tentam submeter o adversário a sua vontade. (CLAUSEWITZ, 1979).

Ao definir a guerra como “um ato de violência destinado a forçar o adversário a submeter-se a nossa vontade” (CLAUSEWITZ, 1979, p. 73), Clausewitz interpreta a violência como a força física e moral, onde essa última só existe dentro dos conceitos de Estado e da lei. A violência é alimentada pelas invenções das artes e da ciência. Apesar de ser acompanhada por restrições que ele considerou ínfimas, sob o epíteto de “leis dos direitos dos povos”, ela “não diminui em nada a sua força”. Para Clausewitz a violência é o “meio”, o propósito será “impor a nossa vontade ao inimigo” e o objetivo será deixar o inimigo impotente (CLAUSEWITZ, 1979).

Após a definição do conceito teórico de guerra, suas consequências, o que ele chamou de “as três interações”<sup>13</sup>, levariam à concepção de guerra abstrata<sup>14</sup> em contraposição à guerra real. Em seus estudos históricos, observara que as guerras não alcançavam o extremo da violência, como induzira seu conceito; um dos motivos era o propósito político. (CLAUSEWITZ, 1979).

Ao definir o propósito político como “impor a nossa vontade ao inimigo”; Clausewitz tenta elucidar que este propósito:

Transcende as organizações militares, alojando-se no processo do inter-relacionamento político das diversas sociedades. Nesse sentido, há uma continuidade lógica entre política e guerra, já que esta última é apenas umas das formas pelas quais equacionar os interesses conflitantes entre os Estados, interesses que são a matéria tanto de uma quanto a de outra. Por essa razão é que se pode dizer que a guerra pertence ao domínio da política, sendo (...) uma continuação do intercurso político por adição de meios violentos (PROENÇA Jr, 1999, p.79).

---

<sup>13</sup> As três interações – Uso da força sem constrangimento; a guerra com o objetivo de desarmar o inimigo e os beligerantes ao demandar à guerra, o máximo de dispêndio de todos os meios disponíveis e de toda a sua vontade (PROENÇA Jr, 1999).

<sup>14</sup> Guerra Abstrata - Guerra a ser alcançada no uso extremo da violência (CLAUSEWITZ, 1979).

Da interpretação da citação acima, pode-se compreender, segundo Clausewitz, que “a guerra é a continuação da política por outros meios” (PROENÇA Jr, 1999, p.78). No limite das relações entre Estados, em que os interesses nacionais estão conflitantes e que foram esgotadas, pelos meios pacíficos, todas as possibilidades de um consenso comum, para equacioná-lo, o último recurso pode ou será a guerra.

Para compreensão dos fatos após a Campanha do Sinai:

Os acontecimentos de 1956 e dos anos posteriores transformaram Abd al-Nasser na figura simbólica do nacionalismo árabe, mas por trás disso havia uma certa linha de política egípcia: tornar o Egito líder de um bloco árabe tão estreitamente unido que o mundo externo só pudesse tratar com eles através de um acordo com Cairo (HOURANI, 1995, p.412).

A sobrevivência do Estado de Israel no Oriente Médio, estava e ainda está, desde 1948, alicerçada numa postura dissuasória de suas Forças de Defesa Israelense (FDI), retaliando, quando necessário, ataques externos ao seu território e à sua soberania.

Evidencia-se que, mesmo após a resolução 181 da ONU (uma solução para a formação de dois Estados na região), respaldada internacionalmente, houve a necessidade, do uso da violência, guerra, para o estabelecimento e formação do Estado de Israel, perpetuando Clausewitz no que diz respeito à utilização da guerra para a ratificação de uma vontade política, o propósito político, o maior interesse de todos os israelenses sionistas, a formação do Estado de Israel.

Ciente de sua situação, diante dos Estados árabes, desde a sua formação e, principalmente, após 1956 e a Operação Retama (1960), Israel, além do aumento populacional, manteve um elevado nível, tanto material, quanto pessoal, das suas forças armadas (FDI) (OREN, 2004). Geopoliticamente, o Estado de Israel, em 1967, estava cercado por Estados árabes. Neste mesmo ano, a união desses Estados por meio de um pan-arabismo antissionista, a militarização e retirada da UNEF do Sinai e a ação de violação do armistício de 1957, com o fechamento do Estreito de Tiran, contribuíam para escalar o nível da ameaça a sobrevivência de Israel.

No que diz respeito ao propósito político de Israel, este último ato, o fechamento do Estreito de Tiran, não contornado diplomaticamente pelo Conselho de Segurança da ONU ou pelo EUA, originou internamente ao Estado de Israel e no âmbito internacional, a legitimidade de um propósito político para esse Estado, que foi: restabelecer a livre navegação pelo estreito de Tiran, ratificando a aplicabilidade do conceito, propósito político, de Clausewitz. Internamente, para o Estado de Israel, além deste feito em si, era necessária a conquista do estreito para fortalecer o poder de dissuasão das FDI, a base de sua sobrevivência.

Mesmo havendo um acordo tácito entre Israel e a Jordânia, revidando os ataques da *Al-Fatah*, Israel, em 13 de novembro de 1966, dia do aniversário do rei Hussein<sup>15</sup>, atacou a localidade de Samu, na Cisjordânia, de maioria palestina, de forma desproporcional aos ataques sofridos, contribuindo para a formação do Pacto de Defesa Mútua entre a Jordânia e o Egito em 30 de maio de 1967 (OREN, 2004).

Neste mesmo ano, alguns meses antes, em fevereiro, houve a mudança do governo sírio para os *ba'thista*, tendo este assumido uma declarada postura antissionista, apoiando os guerrilheiros palestinos (SHALIM, 2004).

Na escalada desses ataques, em entrevista, Yitz Rabin (1922-1995), Chefe do Estado-Maior israelense ameaça, em 12 de maio de 1967, ocupar Damasco e destruir o regime sírio. Apesar de alertado por Nasser para não fomentar reações israelenses, a Síria, em sete de abril de 1967, promove uma batalha aérea contra Israel, onde perde seis caças Mikoyan-Gurevich (MIG). Em 13 de maio de 1967, o presidente da Assembléia Nacional do Egito recebe informações do representante do ministério do exterior russo, Vladimir Semenov, sobre a alocação de brigadas israelenses junto à fronteira da Síria (SHALIM, 2004).

Essa junção de acontecimentos, Samu, concentração de brigadas israelenses junto à fronteira da Síria e ataque aéreo sírio de sete de abril, que desafiavam Nasser na liderança do mundo árabe, somado à situação político-econômica interna do Egito, reflexo da guerra do Iêmen<sup>16</sup> (1962-1990), obrigavam o Egito a tomar uma atitude perante os povos árabes.

Sem desejar entrar em guerra, diferente do seu Marechal-de-Campo<sup>17</sup> Amer, Nasser aumenta o efetivo militar e retira a UNEF do Sinai (SCALERCIO, 2003). Com essa atitude ele exaltou os árabes e unificou os Estados árabes em prol do antissionismo.

No que diz respeito ao propósito político de Egito, Nasser aproveitou-se do sentimento antissionista para centralização dos Estados árabes em torno do Egito para a consecução de seu propósito político: manter a hegemonia do Estado egípcio diante da união do mundo árabe e, perante aos Estados árabes, a destruição do Estado de Israel, a fim de retirar os judeus da Palestina. Segundo o conceito propósito político de Clausewitz, o Egito e os Estados árabes, sob a égide de Nasser, dispunham de um propósito político principal: a retirada dos judeus da Palestina, uma imposição da vontade dos Estados árabes ao inimigo Israel e um propósito político intrínseco de Nasser: a hegemonia de seu Estado.

<sup>15</sup> Além de infligir um acordo tácito, esta ação foi considerada uma grande humilhação por ocorrer na sua data natalícia (SHALIM, 2004).

<sup>16</sup> Guerra do Iêmen - Uma guerra momentosa que iniciou em 1962 e cessou com a sua unificação em 1990 (OREN, 2004).

<sup>17</sup> Marechal-de-Campo - Último posto do oficialato egípcio (OREN, 2004).

O fechamento do estreito de Tiran por Nasser, em 22 de maio de 1967, contrariara o armistício de 1957, que explicitava que o fechamento do estreito era, para Israel, uma declaração de guerra (MAGNOLI, 2006).

Nasser utilizou seu exército, já que a diplomacia não surtiu efeito, devido aos interesses nacionais divergentes dos Estados árabes, para atingir seu propósito político individual, que era unificar os Estados árabes, centrados no Cairo, na sua pessoa e, como consequência, um propósito político externo, imposto pela população árabe, de eliminar o sionismo, apesar de, à época, ter a convicção da superioridade bélica de Israel (OREN, 2004).

Suas ações, indiretamente, respaldavam-se no apoio de material bélico da URSS em contraposição a uma possível intervenção norte americana, caso desse prosseguimento aos seus planos (SCALERCIO, 2003).

Não tinha intenção inicialmente de fazer a guerra, só de vencer politicamente o conflito, como vencera, em 1956, na Campanha do Sinai. Apesar de não ter deflagrado o ato de violência, houve um ato de força (fechamento do estreito de Tiran), tentando compelir o inimigo a fazer a sua vontade, desmoralizando as FDI, conseguindo, com isso, gerar na opinião pública árabe a possibilidade do enfrentamento bélico contra o sionismo, caso Israel não reagisse. Nasser, segundo o conceito propósito político de Clausewitz, tinha seu próprio propósito político e, utilizaria do meio guerra, das suas forças armadas para conquistá-lo. Ele, para atingir seu propósito, fechou o estreito de Tiran com o intuito de unificar os Estados árabes sob seu comando.

Segundo Michael B. Oron (1955- ), o chefe do Estado-Maior egípcio, general Fawzi, imaginava a Operação Alvorada<sup>18</sup> desastrosa. “Esse plano tinha algum objetivo político?”, ele se perguntou anos mais tarde, e aí respondeu: “Como poderia ter, se a ligação entre os escalões militares e políticos desaparecera?” (OREN, 2004, p.124).

A ausência de unicidade no comando egípcio, na maioria das vezes à mercê das vontades do Marechal-de-Campo Amer, por vezes contrário a Nasser e de um propósito político<sup>19</sup> indexado ao ataque de Israel, ocasionou uma postura dúbia às tomadas de decisões que fez com que as forças armadas egípcias ficassem sem rumo no Teatro de Operação do Oriente Médio (OREN, 2004).

Diante do exposto acima, a ausência de um propósito político egípcio explícito ratificou a vulnerabilidade desse Estado durante a guerra que ele fomentou. O Egito, segundo

<sup>18</sup> Operação Alvorada - Plano do Marechal-de-Campo egípcio Amer de invadir e conquistar o deserto de Negev sem motivo político, sem resultados expressivo, só por sua vontade. Não havia vantagem na realização desta campanha militar. Caso ocorresse, seria um desastre. Haveria perdas humanas e materiais desnecessários (OREN, 2004).

<sup>19</sup> Propósito político - Nasser não queria a guerra. Queria poder político sobre os Estados árabes centrado no Egito. Já os árabes, unidos pelo pan-arabismo, queriam o aniquilamento de Israel. O ataque a Israel dependia do uso da violência por este (OREN, 2004).

o conceito propósito político de Clausewitz, ao não ter incorporado e definido claramente a vontade política do pan-arabismo, fez com que a guerra, como meio, fosse mal empregada, mal conduzida, fragilizando suas forças armadas perante o inimigo israelense. O uso inadequado das forças armadas, por não haver um único propósito político, ratifica a aplicabilidade, de forma errada, do conceito propósito político de Clausewitz por parte do Egito.

Os árabes envoltos em um pan-arabismo unificado ideologicamente e belicamente, centrado no Egito, no final de maio de 1967, contra o sionismo, obrigaram Israel a uma intensa relação diplomática e mobilização nacional contra esta ameaça que surgia (OREN, 2004).

As ações de Nasser, militarização do Sinai e, principalmente o fechamento do estreito de Tiran, surpreenderam o governo israelense. Sem uma plano político específico, não havia orientações ao nível estratégico nas duas semanas que antecederam o início das ações que deram origem a Guerra dos Seis Dias em cinco de junho de 1967 (OREN, 2004).

Não havendo um consenso diplomático nas relações internacionais, muito solicitado pelas duas grandes potências da época, perante a questão sionista, junto aos países árabes e Israel, a guerra foi necessária e, a condução da mesma, contra o Egito, foi desenvolvida por meio de planos operacionais das FDI, comandadas pelo Ministro da Defesa Moshe Dayan, sob o aval do primeiro ministro Eshkol (OREN, 2004).

O alto nível de disponibilidade do material bélico, a excelente logística e o alto nível de adestramento do seu pessoal, bem como o *ethos*<sup>20</sup> de sua FDI, aliada com a iniciativa das ações, utilizando a surpresa, em uma guerra que, para os israelenses, era uma guerra pela sobrevivência, levaram à vitória de Israel sobre o pan-arabismo (SCALERCIO, 2003).

No início da guerra, mesmo sem um plano político para a condução da mesma, a qual não era desejada por Israel, havia no governo a mentalidade de não repetir as consequências da Campanha do Sinai de 1956, isto é, manter apoio diplomático junto aos EUA, a fim de não perderem as suas conquistas após o cessar fogo e para evitar uma intervenção da URSS que seria fatal para o Estado de Israel (OREN, 2004).

No âmbito internacional, no período que antecedeu a Guerra dos Seis Dias e durante o desencadear da guerra, houve uma preocupação israelense em manter seus interesses nacionais alinhado aos EUA, respaldados e apoiados pela opinião pública internacional, representada pelo Conselho de Segurança da ONU.

---

<sup>20</sup> Ethos - É um valor de identidade social, é o conjunto de hábitos, costumes e ações que visam o bem comum de determinada comunidade (FERREIRA, 1986).

Israel retardou o início das ações, mesmo diante das ações do Egito no Sinai e no estreito de Tiran, a fim de não repetir os resultados da Campanha do Sinai de 1956, demonstrando a intrínseca relação do propósito político aos interesses nacionais israelenses e o uso da guerra como meio, quando a diplomacia não mais era suficiente para a manutenção da sobrevivência do seu Estado, ratificando a aplicação, por Israel, do propósito político de Clausewitz.

No âmbito interno, mesmo na ausência de um plano político para a condução das FDI, mantiveram, guiados pelos planos operacionais, subordinados as decisões do *Knesset*<sup>21</sup>, na figura do primeiro ministro, utilizando-se da guerra para a consecução dos seus interesses nacionais diante do pan-arabismo antissionista, ratificando assim, o emprego do conceito propósito político de Clausewitz.

### 3.2 Trindade de Clausewitz

A trindade fascinante é a entidade que relaciona três forças morais a três atores: a paixão (violência original, o ódio e a animosidade), pertencente ao povo; o valor (jogo de probabilidades e do acaso em oposição à fricção), ao comandante e seu exército; e a razão pura (a natureza subordinada da guerra à política) que interessa ao governo (BERMÚDEZ, 2006, p. 68).

Essas forças existem em qualquer tipo de guerra, em proporções diferentes que, dependendo da intensidade entre elas, ditarão como a guerra será conduzida (LIBERATTI, 1994, p. 14).

#### 3.2.1 Povo

“A violência provoca a reação oposta do inimigo, e se toda a racionalidade pudesse ser excluída deste intercurso, estaríamos diante de um duelo que, entre golpes e contra-golpes, iria crescendo em intensidade até atingir os seus extremos” (VIEGAS, 2002, p.5).

Independente do propósito político do presidente Nasser, ser ou não uma guerra limitada<sup>22</sup>, a união árabe estava centrada numa ideologia antissionista que ascendia na opinião pública árabe, desde a formação, a força, do Estado de Israel, em terras as quais consideravam suas por legitimidade histórica e divina.

<sup>21</sup> Knesset - Parlamento israelense (OREN, 2004).

<sup>22</sup> Guerra limitada - Segundo Clausewitz, é a guerra destinada a “posse e conquista desta ou daquela parte do território do inimigo” (PROENÇA Jr, 1999, p. 84).

Essa ideologia antissionista transcende a conquista total ou parcial de território, direcionando-se aos judeus israelenses sionistas.

No deflagrar da Guerra dos Seis Dias, a qual os israelenses já alarmavam que seria uma guerra pela sobrevivência, evidenciava a preocupação de um povo em controlar ou vencer o ódio e a inimizade, forças naturais cegas que impulsionavam o pan-arabismo à época (OREN, 2004). A não subordinação dos árabes egípcios à seu governo, em momento de ódio, que antecedeu ou durante a guerra, não havendo vitória israelense, como ocorreu, o destino dos judeus israelenses sionistas poderia ser bem diferente.

Esse ódio antissionista árabe e a vontade pela sobrevivência do povo de Israel, unidos pela dor e pelas guerras, ratificam a força moral Paixão, do elemento Povo da Trindade de Clausewitz que em sua intensidade, sem o poder moderador limitador do governo israelense para ditar a condução da guerra, alcançaria a abstração da violência, como ratificara Clausewitz.

“A guerra como profissão deve ser executada por profissionais, mas como expressão da vontade nacional deve ser exercida por todo o povo” (DOLCE, 2009, p.3)<sup>23</sup>. Durante todo o desenvolvimento das ações da Guerra dos Seis Dias, mesmo diante das perdas assustadoras sofridas pelo Egito, Nasser manteve as comunicações de massa, induzidas pelo governo, exaltando vitórias inexistentes, a fim de manter o moral da população, bem como, o da tropa, e, com isso manter, mesmo que fragilizada, a logística e a guerra. Era a influência ludibriosa sobre a paixão do seu povo para continuar mobilizando o poder nacional, mesmo conduzindo o poder militar por meio de uma política errônea. Ele mantinha alimentado um dos pilares da condução da guerra, da trindade de Clausewitz, a paixão de seu povo, ratificando a aplicação da força moral da paixão sobre o elemento povo do conceito da trindade de Clausewitz.

### **3.2.2 Governo**

Segundo Moshe Dayan, Ministro da Defesa de Israel, durante a Guerra dos Seis Dias: “Você não ataca cada inimigo porque ele é um miserável, mas sim porque ele o ameaça”. (SHALIM, 2004, p.307). Essa declaração, respaldada pela razão, limitadora do ódio, da inimizade, representava o controle do governo sobre a paixão do povo israelense.

Israel, diante do cenário de beligerância, após o fechamento do estreito de Tiran e movimentações de tropas no Sinai, sob o governo do primeiro ministro Eshkol, mantinha,

<sup>23</sup> <http://www.esg.br/publicacoes/artigos/a042.html>



ainda que idealizando esta guerra como um ato de sobrevivência do Estado, a concepção de uma guerra defensiva<sup>24</sup> e limitada, utilizando a violência somente quando todos os esforços diplomáticos tivessem sido esgotados, ratificando a aplicabilidade do elemento governo da trindade de Clausewitz.

Moshe Dayan, ao assumir como ministro da defesa de Israel, durante a execução do plano Kardom<sup>25</sup>, mudou a concepção da Guerra dos Seis Dias para uma guerra ilimitada<sup>26</sup>, visando à destruição das tropas inimigas e expansão das áreas a serem capturadas (SHALIM, 2004). Havia uma frustração, um sentimento de impotência, desde a formação do Estado de Israel (1948) que, ultrapassara a campanha do Sinai (1956), no que tange à conquista e anexação de todo o território original palestino.

Mesmo diante dos bombardeios sobre os assentamentos israelenses, tanto pela Jordânia, quanto pela Síria, o governo de Israel, controlou a paixão, a ira, o ódio, tanto da população como das suas tropas (do ponto de vista do ser humano), evitando um ataque a um desses dois Estados, limitando, em seu território, o uso da violência somente à autodefesa, para o atingimento do propósito político, a fim de não atrair em um momento de fragilidade, antes da conquista por completo do Sinai, outras frentes de combate pelos sírios e jordanianos, bem como não atrair para a guerra a URSS, aliada da Síria (SHALIM, 2004).

O controle do exército israelense, mesmo diante de bombardeios, ainda que excitados pela população, para o atingimento do propósito político, a não abertura de frentes na guerra com a Jordânia e com a Síria, demonstrou ainda válido e aplicado por Israel o elemento governo do conceito de Trindade de Clausewitz.

Os governos árabes de ditadores, reis e califas do Oriente Médio eram muito influenciados pela população. Estas linhas de governo seguiam os desejos da grande maioria para não perderem o seu apoio (OREN, 2004). O Egito, na figura de Nasser, mesmo seguindo os desejos antissionista das ruas e os desejos das vertentes expansionistas antissionista das forças armadas, mesmo diante do fechamento do estreito de Tiran e movimentações de tropas no Sinai, subordinou-se à pressão internacional, principalmente da URSS e não iniciou os ataques a Israel, ratificando a aplicabilidade do elemento governo do conceito trindade de Clausewitz para alcançar seu propósito político (a razão sobre a paixão de Clausewitz).

---

<sup>24</sup> Guerra defensiva - "Manter a situação para ganhar a guerra" (PROENÇA Jr, 1999, p.81).

<sup>25</sup> Plano Kardom - Plano escolhido no início das ações militares israelenses que objetivava a captura da parte oriental da península do Sinai até Jebel Libni (SHALIM, 2004).

<sup>26</sup> Guerra ilimitada - É a guerra que tem por objetivo a "Destruição efetiva das Forças armadas do inimigo" (PROENÇA Jr, 1999, p.83).

### 3.2.3 Forças armadas

Ao comandante e seu exército (forças armadas) concerne o aspecto da criatividade e da incerteza do combate. A guerra é o produto de interações complexas, da ação sobre uma massa que reage com vontade própria. Se, na natureza, a qualquer mensuração é necessário associar-se uma incerteza, dada a variabilidade inerente aos fenômenos, na guerra esta incerteza é muitas vezes maior. O acaso, o fortuito, abre o espaço para a criatividade do comandante que usa a incerteza como um elemento a mais para a conquista da vitória (SILVA, 2003, p. 60)<sup>27</sup>.

Cumprindo a Operação Focus<sup>28</sup>, às 07h30 do dia cinco de junho de 1967, já havia 200 aeronaves no ar, seguindo as instruções do coronel Rafi Harlev, chefe de operações da FAI<sup>29</sup> e um de seus dizeres: “O nome do jogo é chegar à costa egípcia sem ser localizado” (OREN, 2004, p. 214). A consequência foi o aproveitamento do acaso e da incerteza por Israel para o êxito de sua campanha aérea, devido a não detecção das aeronaves israelenses pelos egípcios.

Esse fato contribuiu para a destruição generalizada da Força Aérea egípcia, selando o destino da Guerra dos Seis Dias (OREN, 2004).

Houve, durante o desencadear das ações, a preponderância do acaso e da incerteza, no qual a coragem e criatividade do comandante da FAI foram aproveitadas para a destruição, em solo, da aviação egípcia, quando oitenta e duas estações de radar egípcias não detectaram nenhuma dessas aeronaves.

Os radares jordanianos *Ajlun*, fornecidos pelos britânicos, conseguiram detectar as aeronaves israelenses. Os jordanianos transmitiram as informações codificadas, sobre a aproximação das aeronaves israelenses, aos egípcios, com boa antecedência. Os egípcios não conseguiram decodificar. No dia anterior, os egípcios mudaram as frequências dos códigos de comunicação e não participaram aos jordanianos (OREON, 2004).

Este fato contribuiu para aumentar, junto aos egípcios, a incerteza e o acaso do ataque aéreo israelense, sendo esta situação aproveitada pelo comandante da FAI para otimizar suas ações de ataque, ratificando o uso das forças morais incerteza e acaso do elemento forças armadas para aplicação da criatividade e coragem do comandante e seu exército de Clausewitz.

Segundo comentários do comandante Rafael Eytan do exército israelense, “parecia que alguém no céu olhava para nós”, referindo-se a garganta do Rafah, menor trecho que cruza o Sinai rumo a Al-Qantana e ao Canal de Suez, o qual a 7ª Brigada de blindados

<sup>27</sup> <http://www.ndu.edu/chds/redes2002/Documents/Papers/Track201.%20International%20Security/2.Issues%20on%20Terrorism/Viegas%20da%20Silva%20FP.rtf>.

<sup>28</sup> Operação Focus - Operação planejada para a destruição, em terra, da força aérea egípcia, destruindo ainda pousados, os caças, os bombardeiros e as pistas dos aeródromos (OREN, 2004).

<sup>29</sup> FAI - Força Aérea Israelense (OREN, 2004).

teria que passar e, que era extremamente protegida pelo exército egípcio (OREN, 2004, p.223).

Ao se dirigir à garganta do Rafah, segundo Oren, com onze quilômetros de extensão, a 7ª Brigada foi saudada e aplaudida pelos soldados egípcios que, confundiu com os seus carros de combate (OREN, 2004). Esse erro contribuiu para a campanha militar israelense, cujo comandante, diante do acaso, aproveitou a incerteza egípcia para angariar vantagem na campanha militar.

Esse acontecimento, bem como a passagem do desfiladeiro Jiradi, situação semelhante, ratificam a existência da incerteza no seio do exército egípcio e, por conseguinte o aproveitamento do acaso pelo comandante do exército israelense. Situação esta, teorizada por Clausewitz.

O surgimento desses acontecimentos ocasionais e incertos, foram amplificados pela ausência de operações de inteligência eficiente no exército egípcio, pela falta de adestramento das suas forças armadas e pelo grande contingente de reservistas, em contraposição à operacionalidade, alto nível de instrução de seus militares e preparação das FDI (SCALERCIO, 2003).

O Marechal-de-Campo Amer, respaldado pelo presidente Nasser, ainda com grande contingente das suas forças armadas empenhadas na defesa do Sinai, determinou que as mesmas fossem retiradas imediatamente desta península. Esta ordem, sem um plano que respaldasse, surpreendeu seus generais e subordinados, contribuindo para uma retirada desorganizada (OREN, 2004).

Essa decisão não planejada gerou uma fragilidade operacional no exército egípcio, degradando diretamente a defesa de sua posição, bem como a própria defesa de seus militares. O caos gerado no seio das forças armadas do Egito, no Sinai, favoreceu os israelenses que, preparados para uma determinada resistência ao avanço dessas tropas, viram-se atacando um exército desorganizado, em retirada não planejada, sem o mínimo de defesa, tornando-se um alvo fácil.

Esse fato ratifica que, uma decisão errada do general, neste caso, a do Marechal Amer, diante do seu adversário, os israelenses, num meio de incertezas e do acaso, Teatro de Operação do Sinai, levou, a um resultado favorável ao exército israelense, ratificando a aplicabilidade do acaso, da probabilidade e da incerteza do elemento força armada do conceito Trindade de Clausewitz.

Este fato contribuiu para que os generais israelenses tirassem proveito de uma ordem não planejada. Essa ordem gerou uma desorganização, uma incerteza das ações a

serem executadas pelos generais egípcios. Gerou, também, uma alta probabilidade de êxito de ataque israelense; uma oportunidade, um acaso que o exército israelense não estava prevendo a favor de sua campanha.

Acontecimentos como o ataque aéreo de Israel no dia cinco de junho de 1967; a retirada desorganizada das forças armadas egípcias do Siani; a passagem sob aplausos egípcios da 7ª Brigada de blindados israelense pela garganta do Rafah, extremamente guarnecida, por um erro de identificação de carros de combate, sendo aproveitado o acaso e a incerteza em favor da manobra do comandante, repetindo tal situação no desfiladeiro Jiradi, ratificaram a aplicação das forças morais incerteza e acaso do elemento forças armadas, por parte de Israel, do conceito trindade de Clausewitz.

### 3.3 A racionalidade da guerra

[...] a liderança política [...] deve evitar, é claro, exigir o impossível e deve colaborar com os chefes militares no desenvolvimento de uma política global; mas as forças armadas não existem como um fim em si mesmas. Elas são um *instrumento* a ser usado. Ao exigir a subordinação dos militares à liderança política, Clausewitz estava longe de expressar uma preferência ideológica; ele apenas obteve a conclusão lógica de suas análises sobre a natureza política e o propósito da guerra (LIBERATTI, 1994, p.12).

Segundo interpretação da citação acima, não se deve atribuir uma missão impossível de ser cumprida para suas forças armadas. A liderança política deve fornecer meios e condições, colaborando com as forças armadas para o cumprimento do propósito político do Estado. Como instrumento de execução, as forças armadas de um Estado não existem como um fim em si mesma.

Segundo avaliação de Clausewitz, a guerra era encarada “como instrumento racional da política nacional”, onde deve ser empregada levando-se em conta uma avaliação de custos e lucros (CLAUSEWITZ, 1979, p.8). Não é racional empregar uma guerra na qual os custos sejam tão elevados para cumprimento do seu propósito político que, não valham o lucro que se deva obter.

Os militares israelenses, no primeiro dia de guerra após os ataques aéreos aos países árabes, subordinados aos comandos central e norte, não entendiam porque as FDI, bem preparadas e com superioridade aérea, não invadiam e conquistavam a Cisjordânia e a Síria (OREN, 2004). Estavam em jogo as perdas militares e civis com a abertura de novas frentes de combate. Neste momento Israel estava aplicando o conceito racionalidade da guerra de Clausewitz.

Israel iniciou sua campanha no Sinai, eliminando a capacidade aérea, inicialmente a do Egito e, dando prosseguimento, no mesmo dia, a da Jordânia e da Síria.

O êxito da campanha aérea impulsionou a campanha terrestre, mesmo diante de uma força superior em termos de quantidade (SCALERCIO, 2003).

Durante as ações no Sinai, Israel evitou, a todo custo, abertura de frentes de combate no norte e no centro leste, Síria e Jordânia, respectivamente, para não atrair um contingente militar inimigo que muito dificultaria a sua campanha. As ações iniciaram-se sem um propósito político global, visando uma mobilização defensiva. Entretanto, ao iniciar a guerra, ela se tornou ofensiva (SHALIM, 2004).

Diante das conquistas, um sentimento de expansão que hibernava desde 1948, veio à tona, impulsionado pelas agressões, oriundas do bombardeio sírio e jordaniano aos assentamentos israelenses nas proximidades das zonas desmilitarizadas.

Diante de um cessar fogo iminente, a ser imposto pela ONU, as conquistas e consequências das ações das FDI não reduziram a potencialidade de novas agressões por parte dos países árabes limítrofes a Israel (OREN, 2004).

A visão, dos israelenses, de impotência da dissuasão das FDI repercutiria negativamente perante a Síria e a Jordânia. Desta forma, os líderes israelenses, decidiram continuar a expansão territorial para, após um cessar fogo, possibilitar uma barganha de território pela paz. Esta expansão territorial resultou com a conquista da Faixa de Gaza, Cisjordânia, Colina de Golan e Jerusalém (OREN, 2004).

Com o contingente bélico, pessoal e material, inferior, em termos de quantidade, perante o pan-arabismo, a liderança política israelense, conjugada com sua liderança militar, preocupou-se, desde antes dos inícios das ações, com o emprego otimizado e eficaz das FDI para enfrentar a forças armadas árabes, numa primeira frente no Sinai e, após a conquista deste, na Jordânia e na Síria, ratificando, por parte de Israel, a aplicabilidade do conceito racionalidade de Clausewitz na Guerra dos Seis Dias

Os custos para a realização de suas campanhas, em termos de vida e material bélico, foram, ao longo da contenda, contrabalanceados com as vitórias e com os resultados das realizações dos interesses nacionais, demonstrando não ter havido deliberações unilaterais das lideranças israelenses às realizações de missões impossíveis, a serem executadas pelo instrumento, o meio para execução de sua política, as FDI. Esse fato ratificou, pelo lado de Israel, a aplicabilidade do conceito racionalidade da guerra de Clausewitz.

A consequência do resultado da Operação Retama (1960), à época, uma demonstração de poder das forças armadas egípcias, exaltavam o nasserismo<sup>30</sup> que, juntamente com os acontecimentos beligerantes na localidade de Samu, em 13 de novembro de 1966, e com a perda de MIGs sírios durante o ataque aéreo de sete de abril de 1967, nas zonas desmilitarizadas desses Estados, levaram o Egito, em 1967, a expulsar a UNEF, militarizar o Sinai e fechar o estreito de Tiran. Essas três ações, reforçadas com as declarações da Liga Árabe da Conferência do Cairo de 1964<sup>31</sup>, legitimaram a Guerra dos Seis Dias (OREON, 2004).

A influência do governo do ditador Nasser, na liderança do pan-arabismo, principalmente no Egito, misturava a liderança política com a liderança militar, confundindo o propósito político do Estado com os propósitos dos líderes militares (OREON, 2004).

Diferente de Israel, havia no Egito uma ditadura que misturava liderança política com militar, confundindo propósitos políticos com objetivos militares e, em que pese à dificuldade econômica, atribuíam missões impossíveis<sup>32</sup> às suas forças armadas. Desta forma os Egípcios não aplicaram o conceito racionalidade da guerra de Clausewitz.

Os líderes militares, mesmo estando o Egito com dificuldades econômicas, determinavam missões às suas forças armadas, desconsiderando, como um todo, o custo material e pessoal para o cumprimento das mesmas. Os custos do cumprimento dessas missões superavam os resultados a que se propunha o propósito político, indo de encontro aos ensinamentos do conceito “racionalidade da guerra” de Clausewitz.

Em que pese o hiato temporal, os conceitos de Clausewitz propósito político, trindade de Clausewitz e racionalidade da guerra foram aplicados, por Israel, na Guerra dos Seis Dias. O Egito aplicou os elementos da trindade de Clausewitz, o povo e em menor intensidade a razão do governo, não sendo evidenciado a aplicabilidade do elemento forças armadas. Quanto ao propósito político o Egito o aplicou inadequadamente. A racionalidade da guerra não foi aplicada pelo Egito.

---

<sup>30</sup> Nasserismo - É uma ideologia política nacionalista árabe centrado no Egito, na figura do Presidente Nasser (OREN, 2004).

<sup>31</sup> Conferência do Cairo de 1964 - “A Liga Árabe declarou pela primeira vez que seu objetivo final era a destruição do Estado de Israel” (MAGNOLI, 2006, p.438).

<sup>32</sup> Mesmo com a perda da superioridade aérea, foi determinado as forças armadas egípcias continuar com a campanha militar no Sianai (OREN, 2004).

## 4 CONCLUSÃO

A Guerra dos Seis Dias faz parte de uma guerra momentosa, originada na formação do Estado de Israel, cujo principal motivo, a Questão Palestina, não foi ainda solucionada.

A militarização e retirada da UNEF do Sinai, bem como a violação, pelo Egito, do armistício de 1957, referente à livre passagem, de Israel, pelo estreito de Tiran, sem que houvesse resposta do Conselho de Segurança da ONU e dos EUA, deu origem ao propósito político de Israel, que foi: restabelecer a livre navegação no estreito de Tiran, ratificando a aplicabilidade do conceito propósito político de Clausewitz por parte de Israel.

O Egito possuía implicitamente o propósito político de centralização dos Estados árabes em torno do seu Estado para manter a sua hegemonia diante da união do mundo árabe e, os Estados árabes tinham o propósito político explícito de destruição do Estado de Israel. O Egito indexou o seu propósito ao propósito político explícito dos Estados árabes, a destruição de Israel. Essa postura dúbia contribuiu para a vulnerabilidade das forças armadas egípcias durante a campanha. O uso inadequado das forças armadas, por haver um propósito político dúbio, ratifica a aplicabilidade, de forma errada, do conceito propósito político de Clausewitz por parte do Egito.

Israel retardou o início da guerra, mesmo diante das ações do Egito no Sinai e no estreito de Tiran, a fim de não repetir os resultados da Campanha do Sinai de 1956. Havia um propósito político a ser respaldado no ambiente internacional, todavia faltava um plano político para a guerra, que foi suplantado por planos operacionais que, subordinados as decisões do Knesset, na figura do primeiro ministro, conduziram a vitória, ratificando assim, a aplicabilidade, por Israel, do conceito propósito político de Clausewitz.

Fomentava no povo árabe a ideologia antissionista e, nos judeus israelenses a necessidade de sua sobrevivência e do Estado Israelense em terras que ambos os povos consideravam suas por legitimidade histórica e divina. Não havendo a razão do governo para a condução dessa guerra, conceituava Clausewitz, a mesma poderia alcançar a abstração da violência. Nasser manteve insuflado o ódio do povo egípcio aos israelenses, visando à manutenção da guerra, exaltando ludibriosamente a vitória, por meio de comunicação de massa, tanto da tropa como de todo o seu Estado. Havia, portanto, na Guerra dos Seis Dias, o ódio dos árabes e a paixão da sobrevivência de Israel, ratificando a aplicabilidade, por parte do Egito e de Israel, da forças morais paixão e ódio do elemento povo de Clausewitz.

Israel, mesmo diante do fechamento do estreito de Tiran e movimentações de tropas no Sinai, mantinha-se, no início da guerra com uma concepção de uma guerra defensiva e limitada e, posteriormente sob bombardeio Sírio e jordaniano, utilizaram a violência somente quando todos os esforços diplomáticos foram esgotados, demonstrando o controle da razão do governo sobre a tropa e sobre a população israelense, ratificando a aplicabilidade do elemento governo da trindade de Clausewitz.

O Egito, apesar de toda a movimentação bélica e do fechamento de Tiran, mesmo diante da ideologia e do ódio antissionista, exacerbado pela população, demonstrados pelas ruas e por vertentes das forças armadas; sob pressão internacional, principalmente da URSS, não iniciou os ataques a Israel, ratificando a aplicabilidade do elemento governo da trindade de Clausewitz (a razão sobre a paixão do povo).

Acontecimentos como o ataque aéreo de Israel no dia cinco de junho de 1967; a retirada desorganizada das forças armadas egípcias do Sinai; a passagem sob aplausos egípcios da 7ª Brigada de blindados israelense pela garganta do Rafah, extremamente guarnecida, por um erro de identificação de carros de combate, sendo aproveitado o acaso e a incerteza em favor da manobra do comandante, repetindo tal situação no desfiladeiro Jiradi, ratificaram a aplicação das forças morais incerteza e acaso do elemento forças armadas, por parte de Israel, do conceito trindade de Clausewitz.

Israel manteve, desde o início das ações, o controle racional da FDI, por ter inferioridade bélica em termos de quantidade diante dos Estados árabes, e o emprego otimizado e eficaz das FDI para enfrentar a forças armadas árabes, numa primeira frente no Sinai e, após a conquista deste, na Jordânia e na Síria, ratificando, por parte de Israel, a aplicabilidade do conceito racionalidade de Clausewitz na Guerra dos Seis Dias.

Diferente de Israel, havia no Egito uma ditadura que misturava liderança política com militar, confundindo propósitos políticos com objetivos militares e, em que pese à dificuldade econômica, atribuíam missões impossíveis às suas Forças armadas. Desta forma os Egípcios não aplicaram o conceito racionalidade da guerra de Clausewitz.

Em que pese o hiato temporal, os conceitos de Clausewitz propósito político, trindade de Clausewitz e racionalidade da guerra foram aplicados, por Israel, na Guerra dos Seis Dias. O Egito aplicou os elementos da trindade de Clausewitz, o povo e em menor intensidade a razão do governo, não sendo evidenciado a aplicabilidade do elemento Forças armadas. Quanto ao propósito político o Egito o aplicou inadequadamente. A racionalidade da guerra não foi aplicada pelo Egito.



## REFERÊNCIAS

- BERMÚDEZ, Brúmmel Vazquez. A Guerra Assimétrica à Luz do Pensamento Estratégico Clássico. *Revista da Escola de Guerra Naval*, Rio de Janeiro, n. 7, p. 63-82, jun. 2006.
- BOBBITT, Philip. *A Guerra e a Paz na História Moderna: o impacto dos grandes conflitos e da política na formação das nações*. Tradução de Cristina de Assis Serra. Rio de Janeiro: Campus, 2003. 883 p. Título original: *The Shield of Achilles*.
- CLAUSEWITZ, Carl von. *Da Guerra*. Tradução de Teresa Barros Pinto Barroso São Paulo: Martins Fontes, 1979. 787 p. Título original: *Vom Kriege*.
- DOLCE, Júlio. Os conceitos de Clausewitz aplicados aos estudos estratégicos do mundo contemporâneo. *Revista da ESG* Ano XIII, nº. 36. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.esg.br/publicacoes/artigos/a042.html>>. Acesso em: 11jun09.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 1838 p.
- FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 7ª. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2004. 242p.
- HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 523 p. Título original: *A history of the Arab peoples*.
- LIBERATTI, Wellington. Clausewitz. *Leitura Avulsa: LA-III-9401*. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 1994.
- MAGNOLI, Demétrio. *História das guerras*. São Paulo: Contexto, 2006. 479 p.
- OREN, Michael. *Seis dias de guerra*. Tradução de Jorgensen Jr. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. 532 p. Título original: *Six Days of War*.
- PARET, Peter. *Construtores da Estratégia Moderna*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora. 2001. Tomo 1. 680 p.
- PROENÇA JÚNIOR, Domício; DINIZ, Eugenio; GHELFI RAZA, Salvador. *Guia de Estudos de Estratégia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999. 186 p.
- SILVA, Carlos Eduardo M. Viegas. *A transformação da guerra na passagem para o século XXI. Um estudo sobre a atualidade do paradigma de Clausewitz*. Dissertação de Mestrado da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos – SP, 2003. Disponível em: <<http://www.arqanalagoa.ufscar.br/tesesdisserta/Disserta%20Caco.pdf>>. Acesso em: 07jul09.
- SCALERCIO, Márcio. *Oriente Médio: Uma análise reveladora sobre dois povos condenados a conviver*. Rio de Janeiro: Campus, 2003. 301 p.
- SILVA, Carlos Eduardo M. Viegas. *A Trindade de Clausewitz e sua aplicação à análise do terrorismo*. Painel de Estudos Estratégicos do Centro de Estudos Hemisféricos da Defesa, 2002. Disponível em: <[http://www.ndu.edu/chds/redes2002/Documents/Papers/Track %201](http://www.ndu.edu/chds/redes2002/Documents/Papers/Track%201)>.

%20International%20Security/2.Issues%20on%20Terrorism/Viegas%20da%20Silva%20FP.rt  
f.>. Acesso em: 10 abr. 2009.

SHLAIM, Avi. *A muralha de ferro: Israel e o mundo árabe*. Tradução de Maria Beatriz Penna Vogel. Rio de Janeiro: Fissus Ed., 2004. 774 p. Título original: The Iron Wall.